

AMORES DISSIDENTES: QUANDO TRAVESTIS E TRANSEXUAIS REIVINDICAM O DIREITO AO AMOR.

DISSIDENT LOVES: WHEN TRANVESTITES AND TRANSSEXUALS CLAIM THE RIGHT TO LOVE.

Rogério Melo³⁹

Wiliam Siqueira Peres⁴⁰

Resumo: Trata-se de relato de pesquisa que emerge ao longo da trajetória do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades, hoje denominado PsiCUqueer - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Coletivos Queer. Onde através de engajamento de docentes do Departamento de Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP/Campus de Assis, realizaram-se várias atividades ao longo dos anos. Aqui especificamente, o evento PAREMOS A TRANSFOBIA, cuja finalidade era promover aproximações com movimentos sociais, em especial, com a ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, e outros coletivos de luta e reivindicação de igualdades e direitos em diversos locais do país. A partir da emergência da reivindicação ao direito de amar e ter um amor correspondido, trazidos nas temáticas e aproximações com esta população, fomos levados a realizar nossa pesquisa de pós-doutorado sobre o tema, realizando entrevistas com travestis, transexuais e transgêneros na Argentina, Brasil e Espanha.

Palavras-chaves: psiCUqueer; travestis; transexuais; amores dissidentes

Abstract: This is a research report that emerges throughout the trajectory of GEPS - Group of Studies and Research on Sexualities, today called PsiCUqueer - Group of Studies and Research on Queer Culture and Collectives. Where through the engagement of professors from the Department of Clinical Psychology, the Faculty of Sciences and Letters, UNESP/Campus de Assis, several activities were carried out over the years. Here specifically, the event PAREMOS A TRANSFOBIA, whose purpose was to promote connections with social movements, in particular, with ANTRA - National Association of Transvestites and Transsexuals, and other collectives fighting and demanding equality and rights in different parts of the country. From the emergence of the claim to the right to love and have a reciprocated love, brought into the themes and approaches with this population, we were led to carry out our post-doctoral research on the topic, conducting interviews with transvestites, transsexuals and transgender people in Argentina, Brazil and Spain.

Keywords: psiCUqueer; transvestites; transsexuals; dissident loves

No ano 2000, por iniciativa de alguns professores do Departamento de Psicologia Clínica, da Faculdade de Ciências e Letras, da UNESP/Campus de Assis, foi criado o GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades com a finalidade de problematizar sobre a atenção e a prevenção da pandemia de HIV/AIDS, a partir de grupos de estudos sobre sexualidades e gêneros. Entre suas ações realizava atendimentos psicológicos, oficinas e outras ações de prevenção, tais como, concurso de cartazes e gincanas sobre o tema da prevenção, assim como, cine-debates a partir da série Queer as Folks. Tais ações disparadoras serviam para iniciarmos conversas e problematizações junto à comunidade

39 Membro do Catálogo. Performance Queer Brasil. [SSEX BBOX]. Educador em Diversidade e Inclusão. rogerio.melo.psi@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-8035-3997>

40 UNESP. wiliam.peres@unesp.br. <https://orcid.org/0000-0002-5968-4203>

LGBTTTIA+ (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais e outras expressões sexuais e de gêneros), de Assis e região, sempre em interfaces com marcadores interseccionais, tais como, sexo, gênero, raça, etnia, etariedade entre outros determinantes componentes do sistema de opressão e privilégios.

Com o passar dos anos das atividades realizadas, no ano de 2015 o GEPS definitivamente “sai do armário” para se compor com outras demandas, advindas tanto da academia como dos movimentos sociais organizados, agora sob inspiração dos Estudos Queer e os Estudos sobre as Interseccionalidades, ampliando problematizações e ações de enfrentamento aos racismos, sexismos, homofobias, lesbofobias, travestifobias, transfobias, bifobias dentre outros marcadores sociais de estigmas.

Em decorrência desses novos acordos, o GEPS se torna PsiCUqueer – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Coletivos Queer, no qual os docentes constroem e ministram disciplinas no curso de Graduação e de Pós-graduação em Psicologia, assim como, orientações de pesquisas de iniciação científica, mestrados e doutorados, que se consolidaram e acontecem até os tempos atuais. De modo complementar o PsiCUqueer organiza alguns eventos acadêmicos, e, dentre eles, encontros que se constituíram em quatro edições, denominado PAREMOS A TRANSFOBIA, cuja finalidade era promover aproximações e parcerias com os movimentos sociais organizados, em especial, o movimento nacional das travestis e Transexuais, denominado ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, e outros coletivos de luta e reivindicação de igualdades raciais, étnicas, sociais, culturais e políticas de diversos locais do país.

Esses encontros surgiram em decorrência de atividades voltadas especificamente com a população de travestis, transexuais e transgêneros, inicialmente centradas na prevenção das dsts/hiv/aids e a promoção dos direitos sexuais e humanos dessas pessoas, tanto em Assis/SP e região, como na cidade de Londrina/PR.

A partir de oficinas de prevenção e de promoção da saúde e dos direitos humanos fomos conhecendo mais detalhadamente a realidade vivida por essa população, o que gerou diversos estudos e pesquisas sobre os mais diversos temas, tais como, direitos de acesso e permanência à educação (Peres, 2012), relação com os equipamentos de saúde (Peres & Melo, 2013), processos de estigmatização e enfrentamento ao sistema de opressão e privilégios (Peres, 2015), organização social e política (Peres, Lopes & Sales, 2020), produção de arte (Peres & Lopes, 2021). Entre as problematizações sobre os mais diversos temas apontados, um tema sempre perpassava os encontros, as entrevistas, as oficinas e outras situações sociais que participávamos, como festas de aniversários e de casamentos, shows e apresentações teatrais, vividas nos espaços públicos e privados e que tratavam dos desejos, sonhos e expectativas sobre a “experiência do amor”.

A partir da emergência da reivindicação ao direito de amar e ter um amor correspondido fomos levados a realizar nossa pesquisa de pós-doutorado sobre o tema, realizando entrevistas com travestis, transexuais e transgêneros na Argentina, Brasil e Espanha. Os dados e as análises dessa pesquisa são apresentados nesse artigo.

UM RECORRIDO SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO AMOR

O amor não é uma categoria universal, a-histórica e neutra, apesar de comumente serem associados a uma série de discursos, leis, contratos e instituições normalizadoras que, somados a mitos e tradições culturais, contribuem para a edificação de um padrão amoroso advindo do amor Cortez, da formação da família nuclear burguesa, da monogamia e da referência do modelo cis-heteronormativo compulsório. Nessa perspectiva, nosso conceito de amor, e em especial o amor de casal, é produzido, socialmente, por meio de negociações econômicas, afetivas, sexuais e amorosas presentes como componentes de subjetivação desde as relações iniciais que mantemos com as pessoas e com o contexto em que nascemos (Coria, 2001).

Como construção sócio-histórica a relação amorosa se processa por negociações entre as pessoas, marcadas por interseccionalidades de classes, de raças, etnias, sexualidades, gêneros, capacitação, orientações sexuais e práticas de prazeres, tendo grande influência do patriarcado que separa o público do privado, demarcando diferenças entre meninos e meninas que tendem a naturalizar privilégios masculinos em detrimento da dedicação servil dos corpos femininos, amparados por aquilo que Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013), chamam por masculinidades hegemônicas.

Dentre os privilégios da masculinidade hegemônica, os homens são autorizados a tomarem as iniciativas de aproximações amorosas, de realizar as escolhas e de como a prática amorosa, sexual e afetiva deve acontecer, como donos de seus próprios desejos, restando às mulheres se tornarem objetos de desejos, de serem escolhidas por seus parceiros para serem amadas. Esta configuração se aproxima daquilo que Olga Arisó Sinuéz e Rafael Manuel Mérida Giménez (2010) apontam como conversões de patrimônio alheio e, com isso, às mulheres restam abandonar seus desejos, aspirações e projetos amorosos, submetendo-se ao controle machista patriarcal o que, muitas vezes, produzem diversos modos de violências, sejam elas consigo mesmas, afetivas, sexuais, psicológicas e, até mesmo, produzidas pelos outros. Em função destas determinações, as mulheres são subjetivadas para ocupar, no mundo, os lugares de esposas, mães e cuidadoras.

Quando as mulheres decidem expressar seus desejos e seus projetos amorosos de modo independente, correm riscos de maus tratos, de desqualificações e de tratamentos institucionais que as restringem às premissas de pecadoras, perversas, egoístas, ingratas, imorais e, até mesmo, de criminosas. Essas denominações se agravam ainda mais quando rompem com relações maritais consolidadas, assumem as posições de independência financeira e cuidados pessoais com sua prole ou, ainda, se descobrem apaixonadas por outras mulheres, sejam elas lésbicas ou transexuais, mesmo porque, “un novio, un marido o un amante pueden ser transitórios en la vida de una mujer; no han estado desde que nacimos y nada garantiza que esas relaciones perdurarán en el futuro” (Salomon, 2010 citado por Sinuéz & Giménez, 2010, p. 45).

Porém, ao falarmos a respeito de outros amores possíveis, de escolhas amorosas singulares e da partilha dos afetos que compõem as relações amorosas, de parcerias e de projetos comuns entre as pessoas apaixonadas, novas produções desejantes entram em ação e se configuram na composição de novos territórios amorosos.

As conjugalidades sempre se processam por complexidades e variações subjetivas presentes na configuração amorosa, afetiva e sexual; produzindo por meio de planos criativos e expansivos, modos de invenção de novos territórios amorosos, que escapam das totalizações modelares e facilitam a emergência de novos agenciamentos afetivos e sexuais possíveis.

Félix Guattari e Suely Rolnik (1986) ao problematizarem a respeito do amor e dos territórios desejantes, nos sinalizam a respeito de relações amorosas constituídas por uma nova suavidade, que anunciam micropolíticas amorosas que mostram a implosão de conceitos e modelos totalizados, tais como: família, homem, mulher, homossexuais, transexuais, casais monogâmicos, relações binárias, conjugalidades, enfim, conceitos que, na contemporaneidade, solicitam subversões de suas funções e padronização de sentidos.

Assim, diante do surgimento de tantas possibilidades amorosas e de projetos de felicidades, quanto mais conseguirmos nos relacionar em paz com as diferenças amorosas, afetivas e sexuais, mais nos aproximaremos do anúncio de uma nova suavidade e sua potência de afirmação da vida como valor maior. A respeito das análises das relações amorosas possíveis, queremos colocar em pauta alguns questionamentos a respeito daquilo que chamaremos “amores dissidentes”, ou seja, expressões amorosas que se mostram no campo específico das vidas travestis e transexuais.

Como disparador, tomamos algumas questões que, no campo de pesquisas com pessoas travestis e transexuais, surgiram de modo paralelo aos objetos de estudos a respeito da experiência da exclusão de direitos destas pessoas, do modo como são produzidas suas corporalidades, suas organizações sociais e políticas (Peres, Sales & Lopes, 2020). Em conversas paralelas, o tema amor sempre se fazia presente por meio de questões: “será que um dia vou viver um grande amor?”; “meu sonho é ter minha casa com meu marido”.

E, quando falamos de sujeitos de desejos, nos remetemos a pensar os processos de subjetivação das vidas travestis e transexuais, e, se o amor se conjuga com suas existências enquanto corpos-pessoas de direitos, dentro de um universo restrito à marginalização, à exclusão e à abjeção.

SUBJETIVAÇÕES AMOROSAS NO UNIVERSO EXISTENCIAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

A emergência de novas expressões sexuais, de gêneros e formas de amar e ser amado cada vez mais híbrido e descontínuas decorrente de suas temporalidades próprias tem abalado os alicerces do Iluminismo que, com sua determinação absoluta, impõe modos “corretos” do uso da razão, da disciplina e do controle, o que tem solicitado problematizações a respeito dos regimes de verdades que dão sustentação aos sistemas de pensamentos sedentários que, por muito tempo, alimentaram crenças e sensações equivocadas de segurança limitada à ideia de totalização de um “EU”.

Seguindo nesse sentido, apostamos com Tamsin Spargo (2006) que, o que podemos considerar quando falamos de uma identidade, de um 'eu', um 'si', diz respeito a

[...] uma ficção socialmente construída (ainda que grave), um produto da linguagem e dos discursos específicos vinculados com as divisões de saber. Posso crer que sou singular e essencialmente eu mesmo e que estou comprometido no processo, permanente e frustrante, de tratar de expressar-me e de expressar minhas intenções e propósitos diante dos outros mediante a linguagem. Porém esta crença, esta sensação de individualidade e autonomia é, em si mesma, um constructo social e não o reconhecimento de um fato natural (Spargo, 2004, pp. 46-47, tradução livre).

Trata-se de transitoriedades do eu, que vacila de acordo com valores, imagens, sensações, significados e discursos de cada época, tempo-espacial, que solicita políticas de localização que façam referência a uma forma de dar sentido à diversidade existente entre as travestis e as transexuais. Trata-se, ainda, de seres híbridos, particulares, que expressam estilísticas marginais do desejo e, por isso, solicitam outras formas de problematizações a respeito de si mesmos, colocando, em crise, as teorias psicossociais existentes, bombardeando os paradigmas sociais, políticos e culturais, produzindo novas demandas, novas perguntas e novas reivindicações de direitos humanos, sexuais, políticos, culturais e de gêneros. Afinal, como aprendemos com Donna Haraway (1995), os modos de saberes, de apropriação de conceitos e de modelos relacionais são sempre provisórios e parciais.

Astravestisetranssexuaisinauguramnovoestilodeexistêncianacontemporaneidade, marcado pela expressão de suas singularidades e, por isso, produzem novas tomadas de consciência crítica, o que solicita mais discussões respeitadas nas diversas esferas de convivência social, política e cultural, produzindo novas formas de perceber, sentir, pensar, amar e agir com e no mundo que não se orientem pelos binarismos e pelos universalismos. As vidas travestis e transexuais, em suas singularidades, nos mostram como o binarismo e o universal pode ser desconstruído e, a partir daí, propor novos modos de existências livres e potentes, que ampliem as referências identitárias até então cristalizadas e absolutas; mesmo porque, como bem nos adverte Michel Foucault (2005):

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (Foucault, 2005, p. 30).

Muitas pesquisas voltadas para a comunidade de travestis e transexuais, inclusive algumas realizadas por nós, vem sempre carregadas de cenas e discursos que expressam as experiências vividas sob estigmas, discriminações, violências e extermínios, de impossibilidades existenciais diante dos imperativos cis-heterossexistas e falocêntricos e que pode dar a impressão de se tratar de modos de vidas impossíveis ou restritos somente à desgraças e sofrimentos, restritas à marginalidade, reduzidas à abjeção,

de amores impossíveis e de distante acesso a direitos e à cidadania. Denominaria de travesticídios ou ainda de transexídios. Não queremos dizer que visibilizar as discriminações e exclusões sociais, sexuais e de gêneros, vividas pelas travestis e transexuais, não existam ou não tenham importâncias, pois elas agenciam forças para que grupos se organizem e reivindiquem direitos a ter direitos e acesso à cidadania, mas que as travestis e transexuais não se limitam apenas a experiências negativas, pois suas vidas são recheadas também de alegrias e felicidades muitas vezes invisíveis aos olhos de pesquisadoras e pesquisadores que somente dão visibilidade a partes de suas vidas, aqui no caso, as vivências de agressões e exclusões cotidianas, sem perceber que essas pessoas nos mostram vidas potentes e positivas.

Sem perder de vista as referências discursivas normatizadoras, classificatórias e excludentes, presentes nas expressões de algumas travestis e transexuais capturadas pela lógica binária e reducionista, que as fazem repetidoras dos padrões normativos impostos como obrigatórios e absolutos em suas relações com o mundo, com as pessoas e consigo mesmas, o que chama nossa atenção, e que ganha maior destaque em nossas pesquisas, diz respeito aos seus movimentos de enfrentamento aos padrões estéticos, discursivos, amorosos e desejantes impostos pelas biopolíticas regulatórias, que batem de frente com instituições antigas e conservadoras, como é o caso do Estado, da igreja, da medicina, do direito, da família, entre outras.

De modo complementar as travestis e transexuais também colocam em análises a própria instituição do amor enquanto dispositivo que organiza as relações amorosas, restritas ao modelo da relação cis-heteronormativa restrita à relação monogâmica ocidental entre um homem e uma mulher, regida pela bio-lógica (Oyěwùmí, 2004), com a finalidade da manutenção da ideia de família nuclear reprodutiva e produtiva e das regulações higienistas, cristãs e burguesas. Embora exista uma tendência de manutenção da ideia de amor cortês, compondo a relação padrão imposta pela heterossexualidade binária, higienista e reprodutiva (Costa, 1998), sabemos da existência de muitos outros modos de relações amorosas e afetivas que são produzidas entre as pessoas, tais como, poliamor, amores temporários – Vinicius de Moraes em um poema nos fala que “o amor é eterno enquanto dure”, amizades coloridas, enfim, podemos inventar formas de amor tanto quanto nossos corpos, fantasias e desejos aguentarem, e isso pode ser dialogado com a questão apresentada na história da filosofia, quando pergunta: o que pode um corpo? (Deleuze, 1976).

Apesar de nossas referências amorosas nos serem apresentadas por influência do amor cortes, de sentido comum e universal, determinando modelos normativos esperados de reprodução do modelo amoroso único, não se trata de uma categoria universal, a-histórica e neutra, regidos por estatutos, contratos, leis e instituições, pois, o amor que concebemos é plástico e diverso, sendo construído sócio-historicamente de acordo com negociações e regimes afetivos que ora, autorizam, ora, desautorizam suas expressões (Sinués & Jiménez, 2010).

O processo de constituição das subjetividades contemporâneas demanda registros de complexidades, tanto em termos sociais, sexuais, amorosas como de gêneros, de

classe, de raça, de estéticas, evidenciando que as referências interseccionais que as estigmatizam, discriminam, violentam e excluem, não fazem mais sentido como categorias de análises totalizadas e reducionistas; torna-se necessário pensar que a questão da diferença entre as diferenças seja tomada como afirmativa, ativa, transitória e potente, como figurações nômades (Braidotti, 2000), que se distanciam do sujeito geral para compor com a emergência de novos sujeitos na contemporaneidade, e, para isso, se caracteriza a partir de análises que consideram interseccionalidades, tais como: classes, raças/cores, sexualidades, gêneros, etnias, idades, corporalidades e diferentes modos de expressão amorosa, entre tantos outros marcadores sociais.

Essas figurações caracterizam expressões de diferenças que se processam através de deslocamentos nômades que designam um estilo criativo de transformação, como metáforas performativas que permitem novos encontros e conexões que ampliam os universos de referências sobre o humano, suas experimentações e a aquisição de novos conhecimentos e práticas existenciais, e, de modo especial reinventam novos modos de amar.

Desta forma, na contramão das estratégias de poder de disciplina, regulação e controle dos corpos e seus prazeres, somos contemplados com modos de resistências que mostram a caduque dos modelos dados até então, e que solicita revisão de valores e significados atribuídos aos modos como as pessoas amam e são amadas, pelos discursos em geral e em particular os discursos amorosos. Será por meio das oscilações entre o controle e regulação disciplinar dos corpos pelo poder, e as resistências aos mesmos, que situaremos os processos de subjetivação que participam da feitura e da manutenção das diversas expressões de travestilidades e transexualidades e suas demandas amorosas que se mostram presentes nos territórios brasileiros argentinos e espanhóis.

O que queremos chamar a atenção em contraposição aos mapeamentos das pesquisas que evidencia a negatividade e a patologização atribuídas às travestis e transexuais, sempre marcadas por estereótipos de sexo e de gênero, de classe e de raça, entre outros marcadores sociais de estigmas, que as vulnerabilizam e as expõem a tantas exclusões e violências, evidenciar posições diferenciadas de sujeitos que remetem a uma cartografia que se orienta pelas linhas da alegria, do prazer e da felicidade, das cenas e discursos que expressam a alegria de viver, da potência de vida que permite se sentirem íntegras e felizes dentro dos contextos e estilos de vida, ao direito de amar e ser amada que cada travesti e/ou transexual decidiu para sua vida.

Por meio de pesquisa realizada como requisito pós-doutoral buscamos, mediante entrevistas e observações cartográficas, mapear aproximações psicossociais, políticas e culturais entre travestis e transexuais brasileiras, espanholas e argentinas elegendo, como foco prioritário, as cenas e os discursos que expressam os afetos que positivam suas existências, que as valorizam em suas estilísticas existenciais, que nos mostram vidas possíveis, até então invisíveis aos olhos dos desavisados, dos moralistas de plantão que se recusam a ampliar seus universos de referências e respeitar as diferenças. Brasil, Espanha e Argentina trazem histórias marcadas por aproximações psicossociais, políticas e culturais que permitem identificar pontos comuns que participam dos

processos de subjetivação dos modos de ser das pessoas, em geral e em particular, de travestis e transexuais, tais como, a latinidade, a experiência da ditadura militar, a influência da igreja católica, o que, por sua vez, também apresentam aproximações nos modos de lutas políticas, dos processos econômicos, das manifestações culturais. Entre estas podemos citar a música que, por tempos, teve que se manter na marginalidade: o samba, o flamenco e o tango, por exemplo, que, entre outros ritmos, trouxeram, e ainda trazem, temas como histórias de encontros amorosos, ora marcado por dores e desencontros, ora marcados como felicidade e prazer de viver a experiência amorosa.

Pensar a respeito dos modos pelos quais as travestis e transexuais são constituídas, enquanto sujeitas e sujeitos, significa levar em consideração os territórios sócio-históricos e seus valores, sentidos e discursos que participam de suas feitura e de suas conceituações em uma perspectiva localizada e parcial (Haraway, 1995), pois o amor e suas vicissitudes, que analisamos neste artigo, nada têm de eterno e de universal, mas expressa platôs de intensidades, que variam de acordo com as negociações entre as pessoas envolvidas e que somente diz respeito a elas e eles e a mais ninguém.

Todas essas linhas de subjetivação, que se implicam nas produções amorosas também se conjugam com a produção dos machismos, das misoginias, dos racismos, das homofobias, das lesbofobias e das transfobias, assim como, com as possíveis formas de enfrentamentos e resistências diante das ações discriminatórias e de exclusão, clarificando somente graus de intensidades dessas ações, que podem variar de tempos em tempos, ou de lugar para lugar dentro dos territórios brasileiros, espanhóis e argentinos. Essas subjetivações, advindas de referências machistas, sexistas, racistas e de reducionismos de gêneros binários, são colocadas em análises quando travestis e transexuais nos mostram que existem outros modos de pensarmos a vida e as diversidades humanas, que se mostram infinitas, que o ser humano não se restringe a modelos monolíticos de verdades engessadas pela cis-heteronormatividade, enfim, nos mostram que a vida é sempre muito mais que isso.

Dentro desse genérico panorama de violências e de emancipações possíveis, através de lutas políticas e de reivindicação de direitos, há muitas semelhanças nos modos de lutas das travestis e transexuais nos três países implicados, mas, notamos que eles variam enquanto estratégias de negociação, que se diferenciam de acordo com as parcerias e os avanços das conquistas sociais e políticas próprias de cada país.

Podemos constatar a emergência de movimentos sociais, políticos e emancipatórios presentes nos territórios dos países pesquisados, organizados por travestis e transexuais que lutam por direitos sexuais e humanos, pelo livre arbítrio de poder construir seus corpos e sensibilidades de acordo com suas necessidades desejantes, de terem respeitadas suas identidades e expressão de gêneros, de poderem se casar, quer seja com homens, quer seja com mulheres e, até mesmo, com outras travestis e transexuais e que podem ser evidenciados por diversas conquistas, como é o caso da lei de identidade de gênero que, tanto na Espanha e na Argentina, como no Brasil, permite a troca de documentos e do prenome geral destes sujeitos, dessas pessoas.

No Brasil, o acesso a esses direitos de mudanças de documentos, e de uso do banheiro compatível com sua expressão de gênero, inicialmente, foram adotados por meio de

portarias do Ministério da Saúde e da Educação, e de algumas secretarias estaduais de educação, que recomenda aos seus/suas operadoras/es, que respeitem a identidade de gênero de travestis e transexuais, tratando-as de acordo com suas estéticas e reivindicações de gênero; o que não resulta em garantias de respeitabilidade e muito menos de cidadanias. Vale ressaltar que somente em 2015 o Supremo Tribunal Federal brasileiro reconheceu os direitos de travestis e transexuais serem respeitado usando, para isso, leis antirracistas anteriores para dar liberdades para esses corpos poderem ser respeitados e ter direitos de escolhas, inclusive para retificar seus documentos, o que inclui certidões de nascimento, de propriedades, de casamentos e de divórcios, e com isso, poderem, posteriormente, legalizar outras relações matrimoniais.

Esse panorama sobre os direitos, e sua coletivização entre as pessoas trans, contribuem com os processos de subjetivação que produzem novos sujeitos e novas sujeitas de direitos o que, por sua vez, amadurece politicamente as travestis e transexuais e, também, para que se fortaleçam e que resignifiquem suas próprias autoimagens, agora mais positivas e satisfeitas por ser o que são como pessoas plenas de dignidade e de direitos. Aqui podemos cartografar o encontro do político com o desejo, ou seja, como a emancipação política e de direitos promove a autoestima e permite a ampliação do universo de referência favorável para a promoção da saúde mental, de bem-estar relacional com o mundo, com as pessoas e consigo mesmas, distante de qualquer classificação que as reduzam à ideia de pecado, de crime e/ou de patologia, construindo novos possíveis diante da vida.

A pesquisa que realizamos com as sujeitas travestis e transexuais brasileiras, argentinas e espanholas mostrou e confirmou a potência de vida, e de felicidade, que habita os corpos e os prazeres de travestis e transexuais, que expressam seus desejos de afirmação de seus modos de ser e de viver, de potências que se fortalecem quando há passagens para a expressão amorosa e seus prazeres; evidenciam que não são enfermas por serem travestis ou transexuais, mas que podem vir a ser enfermas como qualquer outra pessoa que não consiga satisfazer seus desejos, de poder escolher sobre sua condição civil, de permanecer solteira ou se vincular ao matrimônio legalizado, e/ou realizarem seus projetos e sonhos devido às dificuldades produzidas pela transfobia em suas vidas e das pessoas que não conseguem se livrar do vício em identidades e respeitar e conviver com a diversidade humana.

Essas constatações nos levam a perceber que o fato dessas pessoas resistirem aos padrões falocêntricos e cis-heteronormativos higienistas e produzirem outros modos de resistir para existir, ou seja, na composição de estilísticas da existência, nada de fato comprova que elas sejam doentes, perversas, criminosas, pecadoras ou que devam ser excluídas; o que encontramos são novos arranjos afetivos, sexuais e amorosos, matrimoniais ou não, que atestam, de uma vez por todas, que é possível serem felizes como realmente são, e que qualquer tentativa de patologização sobre elas daria a impressão de perversidade e de abuso de poder; quer seja na realização pessoal, enquanto ser travesti e/ou transexual, quer seja na realização de seus sonhos profissionais, quer seja na conjugalidade sexual, afetiva e amorosa, as travestis e transexuais necessitam de acesso e de referências que lhes permitam se situar

no mundo de modo inclusivo e positivo, cujo sentimento de pertença as inclua na coletividade e as respeitem como cidadãs.

Para efetivar a inclusão das travestis e transexuais no coletivo há que se distanciar da ideia de unidade, da totalização do ser humano reduzido em um único corpo, único sexo, único gênero, único desejo, um único modelo matrimonial e, até mesmo, um único aparelho mental e, assim, inseri-las em uma dimensão da multiplicidade, em que o ser humano seja reconhecido e respeitado como diversidade, como sujeito em construção permanente, em que o binário seja desconstruído e que possamos, ao invés da fórmula “isso ou aquilo”, nos orientarmos pela dimensão do “isso e aquilo”, numa perspectiva rizomática...(Deleuze & Guattari, 1995).

Apostamos no reconhecimento do ser humano como sendo habitado por devires, o que lhe permite o glamour de sempre estar renascendo, como fênix em todo seu esplendor. Dentro desta perspectiva podemos notar que o ser humano se encontra em construção permanente, sempre está em processo e, por isso mesmo, não se fixa em um único modelo de existência, somos todos fluidos, diferentes e contraditórios. Nesta perspectiva, nos encontramos com cenas e discursos de travestis e transexuais que nos falam de felicidades possíveis em suas relações com familiares, amigos e amores. De composições de novas amizades, novas formas de amores e prazeres, novas relações matrimoniais, de novos arranjos familiares e de expansão da vida como valor maior.

Nesta configuração fica claro que a vida de travestis e transexuais não se limita a impossibilidade delas viverem carregadas apenas de estigmas, sofrimentos, violências e mortes, que suas vidas não são impossíveis, que elas importam, e, diante disso, elas constroem relações de alegrias e de felicidades, o que abre precedentes para afirmarmos que ser travesti e/ou transexual é possível e que essa expressão de vida pode ser conjugada com felicidades, amores e conjugalidades que afirmem suas realizações pessoais potentes e positivas.

Para além dos estigmas vividos pelas comunidades trans, nos diversos países que compuseram nosso campo de pesquisa, nos deparamos com muitas cenas de alegrias e de prazeres relatadas e que constatamos nas entrevistas e observações que realizamos.

As cenas e discursos apresentados pelas travestis e transexuais nos mostram o quanto a influência do amor cortês e o modelo de família nuclear burguesa persistem nos sonhos e expectativas amorosas, afetivas e sexuais dessas pessoas, denunciando imperativos do patriarcado e do modelo restrito dos modos de relações familiares a serem reproduzidos, mantidos e defendidos por todas e todos que se implicam nestas apostas, lembrando a pirâmide erótica de Gayle Rubin (2003), quando denuncia que no topo da pirâmide estariam os casais heterossexuais, casados, monogâmicos, com filhos e em união estável, acrescentados aqui por nossa conta, casais brancos e cristãos.

Quando sonham com casamentos e famílias, há uma tendência das travestis e transexuais em reproduzir esse modelo, de cair na armadilha de um modelo único de relação amorosa, afetiva e sexual limitada pelo viés binário e universal, como por exemplo, quando entrevistamos um casal formado por uma travesti e uma mulher biológica com filha, conforme segue o diálogo:

“Mulher cis – olha, quando a Suzana chega em casa e eu não estou, mesmo com fome, ela espera eu chegar para esquentar a comida para ela; não ajuda nos afazeres domésticos, lava a louça e nem as suas calcinhas.

Suzana – veja bem, se eu quisesse fazer comida e lavar roupa eu teria me casado com um homem, não é verdade?”.

Mesmo sendo um casal dissidente do modelo heteronormativo, já que é formada por uma travesti e mulher biológica com uma filha, a tendência é expressar os valores e os significados que são atribuídos aos casais formados por homens e mulheres heterossexuais, de reprodução de papéis e estereótipos de sexo e de gênero reduzidos à lógica binária e higienista, de acordo com suas aprendizagens e restritas aos modelos apresentados por suas famílias ou midiaticamente expressos em novelas e comerciais da família heterossexual burguesa feliz.

Esta cena, embora expresse o modelo deste casal, pode ser encontrados em muitos outros casais que envolvem travestis e transexuais em situação de conjugalidades, presentes nas culturas dos países pesquisados e que se somam em outras frases tais como: “me deixa ir para casa fazer o jantar porque se meu marido chega e a comida não está pronta, ele me bate”; “lá em casa eu realmente sou a rainha do lar, lavo, passo, cozinho e ainda ganho carinhos”; “homem de verdade é aquele que bate e depois faz amor”.

Podemos perceber, nestes discursos, o quanto as relações amorosas e sexuais vividas pelas travestis e transexuais se encontram carregadas de machismos, de desigualdades sexuais e de gêneros que reduzem as práticas amorosas a clichês e repetições de modelos naturalizados que dão manutenção às lógicas de conjugalidades normatizadas. Em outra situação, de vivências conjugais de uma transexual espanhola, ela nos relata que trabalha como profissional do sexo, e seu marido, como taxista no período noturno; como ambos trabalham na noite, a transexual nos informa que seu marido a deixa no local de batalha e vai trabalhar, retornando na madrugada para apanhá-la e irem juntos para casa, argumentando que *“na rua eu faço sexo e em minha casa com meu marido fazemos amor”*.

É interessante notar que no Brasil nos deparamos com uma cena muito parecida, apenas sendo trocada a função do marido da travesti, ele trabalha como mototaxista; no caso da transexual espanhola, sua relação conjugal já durava quatro anos, enquanto a brasileira nos fala de oito anos de vida conjugal, clarificando, em ambos os casos, se tratar de relações felizes e de muito respeito entre os pares, dividindo as tarefas domésticas e construindo sonhos em parcerias, enfrentando dificuldades cotidianas juntas.

Em outra situação, Verônica, travesti brasileira, nos fala de um amor intenso, vivido quando passou por uma Colônia penal no estado do Paraná, em razão de seu envolvimento com o tráfico de drogas. Neste período, ela relata que se apaixonou por outro interno, que viveram uma paixão fulminante, de muitas alegrias e felicidades, porém, quando faltavam apenas alguns meses o término de sua pena, houve uma fuga liderada por seu companheiro. Algum tempo depois, dadas as saudades e o amor que sentia pelo companheiro, também foge da colônia penal para ir ao seu encontro, porém, ao reencontrá-lo, ele não a aceitou, e a humilhou, dizendo que ele era homem e o que

aconteceu foi somente para ele descarregar seu esperma. Ao fazer esse relato Veronica ainda se mostra bastante ferida e chora muito, questionando se uma travesti nunca poderia realizar o sonho de viver um grande amor.

Paralelamente a essa narrativa, outra travesti chamada Bianca, com a qual tivemos um longo convívio e que resultou em uma grande amizade, sempre nos falava que se sentia frustrada devido ao fato de nunca ter vivido um amor correspondido. Infelizmente, o sonho de um amor correspondido não foi possível ser realizado; ela faleceu aos quarenta anos em decorrência do adoecimento pela AIDS.

São muitas as histórias de amores relatadas em nossa pesquisa. Neste sentido, vamos priorizar uma história como uma das mais marcantes dentre outras que nos deparamos em nosso campo de investigação, elucidando que esse relato, embora seja a vivência de uma travesti nas searas amorosas, diz respeito a muitas travestis e transexuais que experimentam essas experiências, logo, a fala dessa travesti fala de uma multidão. Como ilustração então, apresentamos uma das diversas histórias de vidas alegres, potentes e felizes vividas por travestis e transexuais brasileiras, espanholas e argentinas, que se apresenta em um caso argentino, de uma travesti que aqui vamos chama-la de Lola.

Lola vem de uma família muito pobre, de uma cidade de pequeno porte na Província de Salta, interior argentino. Desde tenra idade já expressava sua feminilidade sendo, por isso, maltratada e agredida verbal e fisicamente por seus irmãos mais velhos e pelo próprio pai. Aos 10 anos é expulsa de casa e vai viver na capital da província como criança de rua. Conhece uma travesti, se identifica com ela e é “adotada” pela mesma, que a recolhe ao seu quarto de pensão. Neste momento passa a se envolver com a prostituição. Lola vive nesta condição até os 18 anos, quando a família solicita que ela volte para casa, em decorrência do adoecimento da mãe que necessita de seus cuidados, por esse motivo retorna à família de origem. Em um final de semana qualquer é convidada por uma prima para ir a um baile. Lá é apresentada a uma amiga dessa prima que manifesta interesse afetivo, sexual e amoroso por Lola que, a princípio, fica incomodada e perplexa diante da ousadia da amiga da prima diante de sua travestilidade. Porém, no final da noite acontece um beijo entre elas e que será o disparador de um relacionamento afetivo, sexual e amoroso que perdurarão muitos anos, em uma relação de convívio sob o mesmo teto. Desse relacionamento, e com o nascimento da primeira filha, Lola arruma um emprego em um mercadinho, onde é aceita e respeitada pela sua identidade de gênero, continuando, deste modo, a se vestir/expressar como travesti, em sua feminilidade plena, porém, se afastando das práticas do sexo comercial e se dedicando totalmente à família e à prole. Desta relação com a esposa, tempos depois viria a ter mais duas filhas. Mas, quando nasce a terceira filha, Lola conhece um colega de trabalho, no mesmo mercadinho em que ainda trabalhava vindo a se apaixonar, resultando em uma proposta de convívio marital que viria a compor outra configuração familiar, agora formada por ela, a esposa, o marido e as três filhas, caracterizando o que muitas pessoas denominam como “poliamor”.

Vale lembrar que as entrevistas realizadas foram feitas dois anos antes da aprovação do matrimônio igualitário e do reconhecimento das identidades de gênero em um patamar

de legalidade na Argentina. Por ocasião das entrevistas, Lola informa que havia perdido a esposa vitimada por um câncer fulminante, alguns meses antes e, por sua vez, reduziu a família a dois pais e três filhas, sendo que Lola era chamada por elas de “pai Lola”.

Entendemos, com essa história, que a cartografia existencial de Lola indica modos pacíficos respeitosos e possíveis nas relações entre os componentes da família, na divisão das tarefas domésticas e nas despesas funcionais, tais como, a educação das filhas e os cuidados cotidianos. Lola relata que não existem brigas entre eles porque, dentro da configuração familiar construída, nos fala Lola que “quem manda em casa sou eu”. A respeito da relação das crianças com a escola nos diz que sua filha mais velha (09 anos na ocasião) havia acabado de receber um prêmio em matemática, pondo queda abaixo a crença infundada da Psicologia quando afirma que crianças provindas de famílias “desestruturadas”, ou seja, aquelas dissidentes da família nuclear burguesa apresentariam problemas de aprendizagem e atraso de desenvolvimento.

CONCLUINDO SEM TERMINAR

Essa cartografia permite problematizar a respeito do sistema sexo/gênero/desejo/práticas sexuais (Butler, 2003), que determina como normatividades da heterossexualidade obrigatória e os regimes de verdades falocêntricos podem falhar sem necessariamente ser reduzidas a corpos abjetos ininteligíveis e incoerentes. Essas releituras sobre as corporalidades travestis e transexuais e suas demandas afetivas e amorosas nos permitem ampliar as referências a respeito do humano e suas vicissitudes, o que implica em uma urgente revisão dos valores, sentidos e significados reducionistas que são atribuídos às experiências humanas.

Isto por sua vez solicita distanciamentos das determinações patologizantes que classificam, diagnosticam, tratam e reduz as pessoas travestis e transexuais às arbitrariedades da curva estatística que binariza e universaliza padrões de comportamentos, em sua perspectiva perversa e de fomento e manutenção das desigualdades sociais, raciais, sexuais e de gênero.

Os relatos apresentados nas entrevistas realizadas com travestis e transexuais brasileiras, argentinas e espanholas a respeito dos discursos amorosos nos mostram como entre tantas exclusões advindas do sistema de opressão e privilégios vividas por essas pessoas, que impedem direitos básicos para se viver com dignidade, tais como, direitos à educação, à saúde, à segurança, à moradia, à alimentação, tentam inclusive roubar o direito de amar e ser amada, de compor família, de ter filhos, de sonhar com relações amorosas que fortaleçam seu bem estar social afetivo e sexual, mas, nos mostram também que o desejo de amar e de fortalecer laços amorosos precisa ser inserido nas pautas de reivindicações dos direitos humanos.

Nossas entrevistadas travestis e transexuais evidenciam que seus corpos não se restringem às práticas sexuais comerciais, à exclusão e rebaixamento de suas autoestimas, mas, que, como qualquer outro ser humano expressam sonhos, desejos e projetos amorosos possíveis.

Os discursos e práticas amorosas das travestis e transexuais são possíveis e se mostram como dispositivos de afirmação da vida, o que implica em ressignificação dos afetos nas relações humanas e de destruição de todo preconceito e discriminação. O amor não é prioridade de alguns, mas possibilidade de todas e todos.

Estas temáticas sempre estiveram presentes nos Encontros Paremos a Transfobia, em suas diversas edições organizadas pelo PsiCUqueer, quando muitas travestis e transexuais relataram sobre suas experiências matrimoniais, evidenciando que suas vivências amorosas são reais quando encontram parceiros e parceiras que desprovidos de preconceitos, se permitem viver o amor em sua potencialidade, respeito e parcerias entre os casais.

Enquanto territorialidades amorosas possíveis, em uma perspectiva rizomática, podemos perceber composições afetivas sexuais e amorosas diversas, que podem ocorrer tanto travestis e transexuais com homens e mulheres cisheteronormativos, como com homens gays e mulheres lésbicas, e até mesmo, entre travestis e transexuais, transexuais e travestis. Diante dessas diversas possibilidades de relações amorosas apresentadas como possíveis entre travestis e transexuais, apostamos na possibilidade de uma Psicologia *Queer* que se oriente pela emergência de uma perspectiva que não seja classificatória, diagnóstica e reducionista à padrões normativos dos discursos amorosos, para valorizar o direito político, fundamental à singularidade e às variações dos lugares ocupados no mundo pelas pessoas que não coadunam com as determinações regulatórias e disciplinares de uma sociedade balizada pela crise dos paradigmas.

Fica aqui o desafio para que a Psicologia, e outros saberes, resgatem seus compromissos com a transformação social, política e emancipatória de todo ser humano na trans-contemporaneidade, de respeito à liberdade de expressão e de pontes para que devires outros se potencializem e facilitem a defesa da vida como valor maior e, que, nenhuma forma de vida, nenhuma forma de amor seja usada como polícia dos outros modos de amar e de viver.

REFERÊNCIAS

- Braidotti, Rosi. (2000), *Sujetos Nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires, Paidós.
- Butler, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo, Editora Civilização Brasileira.
- Connell, Robert W. & Messerschmidt, James W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Florianópolis, *Revista de Estudos Feministas*, vol. 21, n. 1.
- Coria, Clara. (2001). *El amor. No es como nos contaron... ni como lo inventamos*. Barcelona, Editorial Paidós.

- Costa, Jurandir Freire. (1998). *Sem Fraude Nem Favor – estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Rocco.
- Deleuze, Gilles. (1976). *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro, Editora Rio.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. (1995). Rizoma: uma introdução. In: Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Guattari, Félix & Rolnik, Suely. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Foucault, Michel. (2005). *História da Sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Graal.
- Haraway, Donna. (1995). Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, pp. 07-41.
- Oyěwùmí, Oyèrónké. (2004). Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series*. vol 1, Dakar.
- Peres, Wiliam Siqueira. (2012) Travestilidade Nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), v. 7, p. 539-547, 2012.
- Peres, Wiliam Siqueira. (2015). *Travestis Brasileiras – Dos Estigmas à Cidadania*. 1. ed. Juruá Editora, 2015. v. 1. 190p.
- Peres, Wiliam Siqueira. & Melo, Rogério Amador. (2013). Diversidades sexuais e expressões de gêneros: os direitos à cidadania. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 24, p. 53-69, 2013.
- Peres, William Siqueira; Sales, Adriana & Lopes, Herbert de Proença. (2020). Travestis e Transexuais brasileiras: ativismos e estratégias de resistências nos processos históricos de pessoas e coletivos organizados. In: Gomes, Aguinaldo Rodrigues & Lion, Antônio Ricardo Calori (Orgs). *Corpos em trânsito: existências, subjetividade se representatividades*. Salvador, Editora Devires.
- Peres, Wiliam Siqueira Peres & Lopes, Herbert de Proença. (2021). Intervenção acadêmico-teatral: expressões de gêneros, sexualidades e subjetividades. *Revista IAÇA – Artes em Cena*. vol 4, Número 2, Universidade Federal do Amapá.
- Rubin, Gayle. (2003). Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, pp. 1-88.
- Sinués, Olga Arisó & Jiménez, Rafael Manuel Mérida. (2010). *Los géneros de la violencia: una reflexión queer sobre la “violência de género”*. Barcelona, Ed. Egales.
- Spargo, Tamsin. (2004). *Foucault y la teoria queer*. Barcelona, Ed. Gedisa.